



Foocas

Mongge

Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

 ALGORITMO

DO AMOR

Jaime Maria Bayamonde
da Costa Ayala

Registo n.º 345/2020 SIIGAC/2020/970 DATA: 2020.02.14

JUPITER EDITIONS

Print Your **Heart**© with **Jupiter Editions**®

**Este demo está protegido e reserva
todos os Direitos de Autor.**

**A obra deste demo foi iniciada no
dia 25 de outubro de 2019 e foi
registada no dia 14 de fevereiro de
2020.**

A 1ª Ordem de Impressão da 1ª Edição *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala tem 760 páginas

**Se neste momento, por algum
motivo, não puder comprar o livro
do autor, a Jupiter Editions sugere
que faça um donativo ao autor para
o IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

A Jupiter Editions apostou em 9 livros de novos 9 autores.

O principal objetivo do donativo é a proteção da qualidade de escrita.

Por defeito, se os donatários nada disserem sobre o destino a dar, o donativo será 99% para os autores, cabendo 11% a cada um dos 9 autores e o 1% remanescente será destinado à filantropia da Jupiter Editions como a Plantação de Árvores, o Combate à Fome ou o Combate ao Lixo. O donativo pode ser feito por conta de qualquer um dos fundos que a Jupiter Editions pretende abrir e desenvolver. O donativo pode ser destinado 100% a um autor ou a uma missão.

O donativo pode ser anónimo, mas a Jupiter Editions sugere ao donatário que se identifique, sobretudo, se financiar a voz de um dos autores, para que o autor possa agradecer em nota pessoal. Basta enviar um email para manager@jupitereditions.com com o assunto DONATING e com o comprovativo da transferência bancária.

Se o donativo for destinado a um autor e se com o comprovativo da transferência for ainda anexada alguma fotografia ou mensagem do donatário, a Jupiter Editions obriga-se a reencaminhar o email ao autor.

Por favor, veja a nossa Política de Privacidade, para saber como é que os seus dados são tratados pela Jupiter Editions.

A Jupiter Editions não cede, nem vende os seus dados a nenhum parceiro.

A Jupiter Editions só pode ceder os dados dos Member Readers que tenham aceitado que uma determinada empresa ou parceria comunicasse com os Member Readers. Se uma nova parceria for aprovada pelo Centro Ético de Negócios e Parcerias Sustentáveis Para o Futuro, a Jupiter Editions pergunta na Conta Jupiter aos Member Readers interessados em facultar os seus dados à nova parceria, explicando aos Member Readers a importância dessa mesma parceria. Quando as empresas parceiras/ parcerias contactarem os Member Readers, logo no 1º contacto devem anunciar a parceria com a Jupiter Editions, para que o cliente consiga ver com nitidez as parcerias e a sua importância para a sustentabilidade das empresas num mercado altamente competitivo.

Siga o autor...

@jaimedacostaayala

(...)

«Chegaram a ver algum dos membros da colónia de focas-monge (...)?» perguntei.

«Não vimos.» respondeu tristemente Helena.

«Focas? Também há focas?» perguntou Joa, «Pensava que eram só lobos-marinhos...».

«É a mesma coisa... Toda a gente chama “lobos-marinhos”... Eu chamo focas-monge... Parece que lobo-marinho é um outro animal completamente diferente da foca... Mas é só uma espécie diferente de foca... Pertence à mesma família. Por isso, é que chamo focas-monge... Aposto que nem sabias que um lobo-marinho era uma foca, Joa...» disse.

«Por acaso, não sabia... Justamente por sempre ter chamado “lobo-marinho”. Se eu soubesse que eram focas... Chamaria “focas-monge”, como tu... Aliás, agora vou sempre chamá-las de “focas-monge”, como tu Jaime...»

«São cerca de 25 “focas-monge” que vivem ali na Reserva Natural da Ilha das Desertas, que é uma zona de águas quentes e costa bastante escarpada, como elas gostam, de acesso difícil com grutas (...)» quis informar, «Mundialmente há 500 focas-monge, sendo, por isso, dos animais mais raros do mundo, sendo uma espécie considerada “ameaçada” pela União Internacional para a Conservação da Natureza. Hoje, a foca-monge tem um estatuto legal *premium*, protegida por uma série de convenções internacionais, pela União Europeia, e pelo Direito de cada país que a abriga, Portugal tem leis, o Governo Regional da Madeira tem decretos-leis, Itália tem leis, Grécia tem leis, a Maurícia tem leis, o Havai tem leis... As outras 475 vivem na

Mauritânia, nas ilhas gregas, nas ilhas italianas da Sardenha e Sicília, nas costas da Bulgária e da Líbia... Também há uma outra espécie de foca-monge que vive no Havai... Predam o polvo e adoram mexilhão. Podem viver até aos 40 anos, em cativeiro. Mas na vida selvagem normalmente é até aos 25 anos. Algumas espécies de focas são monogâmicas, vivendo toda a sua vida com o seu parceiro. Um dos aspetos mais importantes para a conservação das focas-monge é a sua reprodução. A natalidade é muito baixa, porque as fêmeas só atingem a maturidade sexual aos 4, 5, 6 anos de idade e uma fêmea tem normalmente uma única cria de cada vez, no mesmo período de gestação da mulher, 9 meses, por isso é que os locais onde vivem focas-monge são sempre zonas de grande proteção como a Reserva Natural da Ilha das Desertas. A baixa variabilidade genética é uma das principais ameaças à sua sobrevivência. São monitorizadas com tecnologia não invasiva com máquinas fotográficas de disparo automático com infravermelhos instaladas no interior das grutas e com o seu seguimento via satélite através de pulseiras com GPS que os biólogos conseguem colocar artisticamente nos seus membros. Na cadeia alimentar, a foca-monge está no topo, pelo que a sua presença nas Desertas indica que a ilha é um habitat que está bem preservado. Eu acho que é muito giro, conseguirmos ver isto com a presença de um animal. A sua presença indicarnos sobre a saúde ecológica... Por outras palavras, são elas, as focas-monge, as legítimas ecologistas daquela área. Elas são os reguladores naturais daquela natureza. A sua presença é, pois, também um bom indicador da qualidade da água.» quis informar.

«Jaime! Se uma das principais ameaças da sobrevivência das focas-monge das ilhas das Desertas tem que ver com a baixa variabilidade genética, porque é que os biólogos não trazem de barco focas-monge do Havai ou da Grécia ou da Itália para acasalarem com as Desertas, introduzindo assim novos genes, fortalecendo a espécie?»

«Geralmente, a introdução de novos genes é muito importante para a sobrevivência de uma espécie. Trazer novos genes de fora é sempre bom! A espécie vai ficar mais forte! As reintroduções podem ser muito positivas. Mas também podem ser desastrosas. As focas-monge da ilha das Desertas poderiam simplesmente não aceitar as que viessem de fora, porque o odor, a pelugem e o comportamento são diferentes. Nesse desastroso cenário, as focas-monge estrangeiras poderiam acabar por morrer. Um odor diferente

poderá significar uma repulsa ou uma atração sexual. Há quem defenda que a hipótese de reintrodução de novas focas-monge deva ficar completamente posta de parte e que a colônia de focas-monge das Desertas deva recuperar sozinha, mesmo que lentamente, como tem vindo a acontecer.»

«E tu, o que defendes, Jaime?» perguntou-me Joa.

«Bom... Eu não sou biólogo...»

«Mas se fosses?» insistiu.

«Não sei se os machos ou fêmeas são ou não muito territoriais, não sei se as focas-monges das Desertas são ou não mais sociais ou mais solitárias ou vivem numa verdadeira comunidade...»

«Mas e se vivessem numa verdadeira comunidade?...»

«Eu não sou biólogo, Joa...» respondi.

«Mas se fosses...» insistiu.

«Também estou curioso com o que vai aí no seu coraçãozinho... Diga lá, Jaime... De certeza que, intuitivamente, esse seu coraçãozinho já lhe mostrou alguma coisa... Aqui não há biólogos a condenarem-lhe... Só está no meio de médicos, não se esqueça... Tudo o que nos disser, para nós fará sentido...! Nós vemos a forma romântica como o Jaime vê as coisas... Gostamos desse seu romantismo! Diga lá, Jaime!» rogou entusiasticamente Albert.

«Bom... As pandemias aparecem de repente! De um momento para o outro, um vírus pode parar toda a economia. Um vírus pode disseminar uma inteira população. (...) Ter “melhores genes” pode significar ter mais chances para sobreviver a um novo vírus. Se marés ruins passarem ali pelas Desertas, pode ser um desastre para uma comunidade com poucos indivíduos e que têm baixa variabilidade genética. A introdução de novos genes poderia aumentar as chances de sobrevivência da comunidade e fomentar a sua própria reprodução. E estas marés ruins com algas tóxicas são um cenário que se desenha como possível ameaça para as focas-monge, dentro de outros cenários como o

derrame de crude ou a diminuição do alimento disponível, por exemplo. Assim como há cientistas que abrem a imaginação de humanos sapiens terem chegado a um vale nos Balcãs onde outros humanos, humanos neandertais, viviam há centenas de milhares de anos e na competição pelos recursos terem exterminado, não fecho a hipótese de focas-monge gregas chegarem às Desertas e competirem com as madeirenses pelos recursos. Mas o meu romantismo que é um pouco diferente da *BBC Vida Selvagem* acredita que o odor grego seria muito bem-vindo à Madeira. Acredito que as focas-monge das Desertas ficassem com “os olhos apaixonados” assim que vissem focas-monge gregas a desembarcar na sua ilha. Se eu estiver em apneia e caçar um polvo e ao mesmo tempo aparecer uma foca-monge, eu não devo ficar com o polvo, mas sim libertá-lo, porque sei que a foca-monge se alimenta de polvo. Devo ser eu, humano, apetrechado de inteligência e tecnologia, que devo ir procurar outro polvo e não a foca-monge. Se eu não largasse o polvo em frente a uma foca-monge isso poderia ser um suicídio. A foca-monge, com os seus dentes afiados e robusto corpo poderia competir comigo pelo polvo. E não seria nada boa ideia competir com uma foca-monge! Este cenário também poderia acontecer entre uma foca-monge grega e uma foca-monge madeirense... Mas acredito, ou quero acreditar que elas não fizessem emergir do fundo do mar histórias passadas de sapiens e neandertais. Elas no fundo do mar gostam é de dormir e o que vem à tona nessas submarinas sestras são só mesmo elas para recuperar o fôlego e depois voltarem ao fundo sem acordarem a história. Elas têm aquele ar robusto, um hálito fedorento de peixe podre, mas são muito dóceis. São o contrário dos humanos. Os humanos podem ser muito bonitos com um hálito a mentol e serem uma besta para os humanos. Elas não são assim. Quando as crias nascem, as fêmeas procuram praias abrigadas ou abertas para ensinar e brincar com as suas crias... Já que elas são monitorizadas, talvez os biólogos e os vigilantes da natureza, que as acompanham, soubessem quando vão nascer novas focas-monge... É na altura dessas brincadeiras com as suas crias, que as fêmeas ficam mais recetivas a novos acasalamentos e que os machos se aproveitam para se aproximarem das fêmeas... Então, vejo fêmeas a chegarem com as suas crias às Desertas... E vejo os machos madeirenses a darem as boas-vindas às estrangeiras e a mostrarem-lhes a elas e às suas crias a perfeita praia abrigada para novas brincadeiras...»

«É por isso que gostas de ir sempre para praias-abrigadas com o meu irmão, Jaime? Para fazerem sempre novas brincadeiras?»

«Sim... É por isso... Joa...» ri-me envergonhadamente.

«Eu imagino... As brincadeiras de vocês os dois quando se apanham sozinhos em praias-abrigadas sem drones...»

«Mathias!!!» gritou Catharina.

«Ah!... Quem me dera também poder brincar convosco...»

«Mathias!!!!» gritou Catharina.

«Juro! Nem que fosse só para assistir... Não me importava nada de fazer de cria só para assistir às vossas brincadeiras de adultos...»

«Mathias!!!!!!»

«O teu irmão ainda está a falar das focas?...» perguntei fazendo-me de desentendido.

«Acho que está mesmo a falar de nós como se fôssemos focas...» respondeu-me Fred.

«Quer dizer... O Joa pode falar nas “brincadeiras” do Fred e do Jaime e eu não posso dizer que gostava de participar nelas ou de ficar a assistir?» perguntou Maths indigno.

«NÃO!» respondi em coro com Fred.

«Mathias! Não responda! E não tente comparar o incomparável! O seu irmão não sugeriu nenhum tipo de brincadeiras desse género...»

«De que género, mamã?...»

«Mathias! Está a perder a piada toda... Não tente levar *O Algoritmo do Amor* para outro lado, que não vai conseguir Mathias! Isto aqui não são os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke!» disse Catharina.

«Não sei porque é que o romance do Jaime e do Fred tem que ser tornar obrigatório e monopolizar todos os nossos outros romances...» resmungou Maths.

(...)

«Por outras palavras... O algoritmo do Jaime... É o seu irmão! Não é você! Por isso, saia do romance deles de uma vez por todas! Pare de estar sempre a querer meter-se no romance deles! Está sempre a querer estragar o romance deles com as suas... Ideias... (...)» protegeu-nos Catharina.

(...)

«É para dar uma certa sensualidade a *O Algoritmo do Amor*... Senão, seria demasiado cor-de-rosa... Não teria política nenhuma... Não teria disputa nenhuma... Não teria propriedade nenhuma... Assim com propriedade, disputa e política já faz sentido estarmos constantemente a chamar o Direito para *O Algoritmo do Amor*... No fundo, só estou a apelar, (...) à mente do Jaime para que traga um direito mais amoroso a todo o nosso ordenamento jurídico... Porque estamos mesmo a precisar...» defendeu-se Maths.

«Eu acho que todo o ordenamento jurídico dispensa os teus direitos amorosos Maths...» disse.

«Mas não dispensa os teus... E os teus, só aparecem sob stress...» respondeu-me.

«Os meus direitos amorosos aparecem ao colo do teu irmão...» respondi-lhe, «Os meus direitos amorosos aparecem quando estou de mãos dadas com o teu irmão...».

«E eu apareço com o meu telefone com *bué* câmaras *bué* potentes e prendo-vos para sempre na minha coleção de “focas gays monogâmicas mais fofas e mais raras do mundo”...» interrompeu-me num forte gozo dele, «Os teus direitos amorosos aparecem quando o meu irmão te vai roubar um beijo e aparece um drone pilotado por mim... E tu vais a correr chamar *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy para que inventem um Código Tecnológico que me teletransporte para uma prisão tecnológica igualzinha à do 2080 de Antoine

Canary-Wharf... No fundo, eu conheço os monstros e as bestas dos mares... E sou só o vosso lobo-marinho... Não me chamem foca, por favor! Porque é uma ofensa... Sou um lobo! Sou um lobo dos mares... Sou um lobo-marinho! Não se esqueçam que sou um predador de topo... Posso preda todas as bestas e todos os monstros... (...) Sou o vosso lobo-marinho... Que vos quer proteger dos perigos lá fora... Eu sei que vocês querem muito meterem-se no vosso barquinho e irem aí por fora a navegar... Mas antes de navegarem, têm de ir inventar os direitos para vos protegerem na vossa infinita e eterna viagem como bem sei que é *O Algoritmo do Amor...*»

«Oh!...» exclamei, «Agora foste querido, Maths! Foste mesmo amoroso! Sendo assim, podes ser o nosso lobo-marinho.»

«O nome “lobo-marinho” deve-se aos sons em tom de uivo que emite, fazendo-o mesmo parecer um lobo. Quem os apelidou assim foram os navegadores portugueses João Câmara de Lobos e Tristão Vaz Teixeira, quando chegaram à ilha da Madeira e numa baía de costa sul da ilha com grutas, hoje conhecida por Câmara de Lobos, ter-se-ão deparado com um animal que até então era desconhecido. Ainda estão lá as grutas em Câmara de Lobos... (...) O lobo-marinho habitava as praias de Câmara de Lobos, na ilha da Madeira... Só que com a chegada do homem, obrigou a irem procurar abrigo e alimento para as Desertas. Foi um autêntico massacre! Estão a imaginar como o homem olhou para a gordura e para a carne desta foca, não é? Como os ursos polares olham para as focas polares... Só que o urso por instinto de sobrevivência natural devora-as. O homem por estupidez de crueldade económica transformava a sua pele em couro e a gordura usava para sistemas de iluminação e para a cosmética... Chegaram a visitar Câmara de Lobos? O Frederick levou-o lá, Jaime?»

«Sim, tio. (...)

(...)

Para ver os outros demos desta obra, na página dos Member Writers no site da Jupiter Editions www.jupitereditions.com vá à subpágina do autor e clique nos botões dos vários demos.

Este demo foi publicado pela Jupiter Editions em www.jupitereditions.com no dia 16 de setembro de 2021 pelas mãos e vontade do autor para a apresentação, divulgação e tradução do seu verdadeiro espírito contra qualquer deturpação.

Não passe a mensagem deturpada!

Passa a Missão Jupiter Editions!

Uma **Missão** de Paz! Uma Escrita pela Paz!



JUPITER
EDITIONS

**Não deixe o espírito deste
autor morrer.**

**Está nas suas mãos não
deixar o espírito deste
autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor
para o IBAN
PT50 0010 0000 58544220001**

ou MB WAY 965108603

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

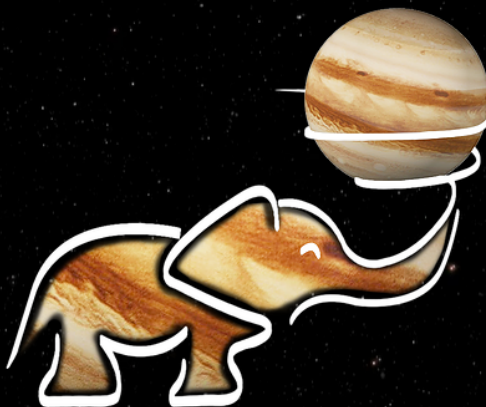
PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

Missão Cumprida!

Passa a Missão [online!](#)

JUPITEREDITIONS.COM



JUPITER EDITIONS [.COM](http://JUPITEREDITIONS.COM)